

ANÁLISE DE JORNAIS DA IMPRENSA NEGRA: EXCLUSÃO, PRECONCEITO E CIDADANIA – CONTRIBUIÇÕES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI Nº 10.639/03 EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Maria Cecília de LIMA

Janaína Jácome dos SANTOS

Resumo - A imprensa negra foi criada para dar vez e voz aos negros brasileiros no período pós-abolição (PINTO, 2010). É época em que a ideologia veiculada pelo mito da democracia racial não permitia que o preconceito e a discriminação fossem admitidos. Ao discutir esse tema, nesta comunicação, temos como **objetivo** mostrar como a análise de jornais da imprensa negra -, de modo social e textualmente orientado, trazendo à tona os processos de exclusão e preconceito aos quais os negros estavam expostos e sua luta para a construção de sua cidadania - pode contribuir com a implementação da lei nº 10.639/03, em aulas de Língua Portuguesa, para a constituição de novas identidades. Para tanto, empregamos os pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso Crítica (ADC) e da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), demonstrando a estreita relação entre linguagem e sociedade. A Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001; RESENDE, RAMALHO, 2002) parte do princípio de que a linguagem é parte irreduzível da vida social e responsável pela constituição de crenças, valores, identidades, conhecimentos e discursos que são materializados/concretizados em textos. Esses discursos podem ser analisados por teorias linguísticas que também consideram a linguagem como parte irreduzível da sociedade, bem como uma prática social. Uma dessas teorias é a Gramática Funcional (HALLIDAY, 1994), que apresenta como ideia básica que a língua constrói o contexto social e é por ele construída com os significados construídos na interação. Com o emprego dessas teorias e de discussões sobre raça e etnia (SCHWARCZ, 2010; MUNANGA, 1996), procedemos à análise de jornais da imprensa negra na tentativa de contribuir com o ensino de Língua Portuguesa engajado com a leitura crítica de problemas sociais como o vivido pela população negra na pós-abolição e que ainda tem seus reflexos na sociedade.

IMPrensa NEGRA DO SÉCULO XIX: DESVELANDO IDEOLOGIAS

Maria Cecília de Lima¹

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Janaína Jácome dos Santos²

Instituto de Ensino de Patrocínio – IESP

RESUMO

Neste artigo, cujo **tema** é ideologias na Imprensa Negra, tivemos como **objetivo** desvelar ideologias presentes nesse veículo de comunicação criado no século XIX por parcela da população negra para ter vez e voz, para fazer ecoar e discutir seus problemas, reivindicando, assim, um novo lugar na sociedade de então. Para a análise de um número do jornal *O Patrocínio*, nosso **objeto de estudo**, fizemos recorte nas discussões apresentadas pela Análise de Discurso Crítica (**teoria e método**), empregando discussão sobre ideologia para, nesse *corpus*, desvelarmos os seus modos de operação (THOMPSON, 1995). A partir dessa análise, apontamos discursos predominantes e as crenças, valores, identidades constituídos a partir deles.

PALAVRAS-CHAVE: ideologia, imprensa negra.

ABSTRACT

In this article, whose **theme** is ideologies in the Black press, we **aimed** to reveal ideologies presented in this means of communication created in the nineteenth-century by a portion of the black population to have opportunity and voice to echo and discuss

¹ Maria Cecília de Lima é doutora em Linguística pela Universidade de Brasília. Professora da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) tem realizado pesquisas sobre discursos, imprensa negra e gêneros. Está na coordenação do Grupo de Estudos e Pesquisa Linguagem e Sociedade: abordagens múltiplas (LSAM). Está também na vice-liderança do Grupo de Pesquisa Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional (GPE ADC LSF). E-mail: mariaceciliadelima@gmail.com

² Janaina Jácome dos Santos é mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora da Instituição de Ensino Superior de Patrocínio (IESP) nos cursos de Administração e Agronegócios, ministrando a disciplina Formação Sociocultural e Ética. Coordenadora de tutoria pela Universidade Aberta do Brasil (UAB). Líder 2 do Grupo de Estudos e Pesquisa Linguagem e Sociedade: abordagens múltiplas (LSAM). E-mail: janainajacomedosantos@gmail.com

their problems, claiming thus a new place in society in that time. For the analysis of an issue of the newspaper *O Patrocínio*, the **object of our study**, we clipped the discussions presented by Critical Discourse Analysis (**theory and method**), using ideology for discussion in this *corpus*, to reveal their *modi operandi* (Thompson 1995). From this analysis, we point out prevailing discourses and beliefs, values, and identities formed out from them.

KEY WORD: ideologies; black press

INTRODUÇÃO

A Análise de Discurso Crítica (ADC) tem contribuído sobremaneira para desvelar **ideologias** que colaboram para a manutenção da posição hegemônica de certos grupos. Ao desvelar **ideologias** que, por vezes, adquirem o *status* de senso comum, a resistência dos grupos em desvantagem torna-se mais possível, assim como a mudança social.

Ideologias presentes nas relações de gênero, classe, raça têm sido reveladas por meio de pesquisas realizadas, com o suporte teórico da ADC, a partir de jornais, leis, interações atuais e têm contribuído para mudanças discursivas e sociais significativas. No caso de nosso estudo, o objeto são jornais da Imprensa Negra do século XIX. Por isso, uma pergunta pode surgir: como o estudo de jornais de contextos passados pode contribuir para a transformação discursiva e social na contemporaneidade? Entendemos que precisamos compreender como certos processos se deram, pois, a partir deles, nossas identidades, valores, crenças foram cunhados. Precisamos refletir também sobre discursos situados no passado para entender alguns discursos que até hoje estão presentes em nossa sociedade.

Para alcançarmos os objetivos aqui elencados, fizemos uma breve incursão nas discussões sobre /da ADC, sobre a situação do negro no Brasil desde a escravidão até a criação da Imprensa Negra e, por fim, analisamos os modos de ação da ideologia no jornal *O Patrocínio*. Fechamos este artigo, tecendo algumas considerações que, não sendo conclusivas, ficam no mote para outras pesquisas e reflexões.

1 UM DOS FIOS: A ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA (ADC)

A Análise de Discurso Crítica (Fairclough, 2001) é uma ciência engajada na elaboração de críticas a problemas sociais que estejam relacionados à distribuição desigual de poder e de justiça. Para a realização fundamentada de críticas a problemas sociais, a ADC é interdisciplinar, reunindo várias tradições teóricas e práticas para a realização de análises **social** e **textualmente** orientadas, porque essa vertente estuda a linguagem na relação com a dialética e a sociedade. Ou seja, “a linguagem faz parte da sociedade, é uma prática social e, como tal, é um dos mecanismos pelos quais a sociedade se reproduz e autorregula” (Gouveia, 1997, *in* Pedro, org., 1997, p. 339).

Como sustentáculo para a **análise social**, contamos com várias áreas que dão suporte às discussões da ADC. No caso desse artigo, cujo objeto são os textos da Imprensa Negra, contaremos com as contribuições de Bastide (1953), Calindro (2009) Domingues (2004; 2008), Ferrara (1986) sobre essa temática.

Como suporte para a **análise textual**, contamos com categorias linguísticas que possibilitam compreender o funcionamento social da linguagem (RAMALHO, RESENDE, 2011). Com a adoção de análise social e textualmente orientada, alguns conceitos tornam-se centrais para a ADC. São eles: **discurso, hegemonia, ideologia**.

Inicialmente, Fairclough (1989, 2001) define o termo **discurso** numa concepção tridimensional. Para ele (1997, *in* Pedro, org., 1997, p. 83), “o discurso e qualquer exemplo concreto da prática discursiva é visto como simultaneamente (i) um texto linguístico, oral ou escrito, (ii) prática discursiva (produção e interpretação de texto) e (iii) prática sociocultural”, sendo dialética a relação entre discurso e estrutura social, ou seja, o discurso molda a sociedade e também é moldado por ela. Sendo assim, o discurso é restringido pela sociedade por meio de relações de classe, gênero, raça ou por contextos e instituições.

Numa visão do discurso como **prática textual (i)**, são examinadas questões ligadas a vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual (Fairclough, 2001). Isso significa dizer que o texto traz aspectos formais que nos mostram como foi produzido e como esses aspectos poderão ser interpretados e explicados.

O discurso, como **prática discursiva (ii)**, vem a ser o processo de interação social no qual o texto é uma parte dos processos sociais de produção, de interpretação e

de consumo³. Categorias analíticas como a força dos enunciados, a coerência dos textos e a intertextualidade (Fairclough, 2001, p. 103) são examinados nessa fase da análise.

Na análise do discurso como **prática social (iii)**, o foco são as questões de ideologia, de poder⁴, bem como de hegemonia. Segundo Magalhães (2000, p. 92), essa dimensão “envolve a análise do contexto imediato dos eventos discursivos, como também do contexto institucional e societário”. Ainda, segundo Magalhães (2000, p. 92), na prática social são considerados “três aspectos principais: o **econômico**, o **político** – ligado às noções de poder e ideologia – e o **cultural** – ligado a valores e identidades culturais”. Por isso, os conceitos de **ideologia** e de **hegemonia** são relevantes para essa discussão. Sendo o conceito de ideologia o foco central neste artigo.

Concepção de mundo implicitamente manifesta em práticas, já a **ideologia**, para Thompson (1995), refere-se aos modos pelos quais os sentidos são construídos e expressos por formas simbólicas de vários tipos. Para Fairclough (1989, p. 85):

a ideologia é mais efetiva quando sua ação é menos visível. Se alguém se torna consciente de que um determinado aspecto do senso comum sustenta desigualdades de poder em detrimento de si próprio, aquele aspecto deixa de ser senso comum e pode perder a potencialidade de sustentar desigualdades de poder, isto é, de funcionar ideologicamente.

Thompson (1995) ainda aponta para cinco **modos de operação da ideologia** – legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação – que naturalizam relações desiguais, uma vez que a ideologia serve de recurso para suavizar a imposição social, justificando a dominação/subordinação da classe hegemônica, mantendo a hegemonia de uma pequena parcela da população.

Para Thompson (1995, p. 76):

estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação. Fenômenos ideológicos são fenômenos simbólicos significativos desde que eles sirvam, em circunstâncias sócio-históricas específicas, para estabelecer e sustentar relações de dominação. Desde que

³ Ou seja: fazer sentido.

⁴ Segundo Giddens (1984), “o poder é a capacidade que os indivíduos, ou instituições que eles representam, têm de fazer uso de algum tipo de recurso para agir em algum contexto social.”

seja crucial acentuar que fenômenos simbólicos, ou certos fenômenos simbólicos, não são ideológicos como tais, mas são ideológicos somente enquanto servem, em circunstâncias particulares, para manter relações de dominação.

Esse autor aponta que somente poderemos compreender se um fenômeno simbólico é ideológico ou não quando o situamos no contexto social, na interação de sentido e poder em circunstâncias particulares.

Os cinco modos de operação da ideologia já apontados (Thompson, 1995) têm relacionados a si as estratégias típicas de construção simbólicas, a saber:

MODOS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA	ESTRATÉGIAS TÍPICAS DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA
legitimação	racionalização, universalização, narrativização
dissimulação	deslocamento, eufemização, tropo
unificação	padronização, simbolização da unidade
fragmentação	diferenciação e expurgo do outro
reificação	naturalização, eternalização, nominalização/passivização

Quadro elaborado pelas autoras com dados retirados de Thompson (1995).

Esses modos de operação da ideologia, com suas estratégias típicas de construção simbólica, contribuem para que as ideologias adquiram o *status* de senso comum, podendo tornar-se eficazes na manutenção do *status quo*. Porém, como enfatiza Fairclough (2001), a luta ideológica como dimensão da prática discursiva aponta para a transformação das relações de dominação. Essa luta pode ser observada quando, em uma mesma instituição, por exemplo, temos práticas discursivas contrastantes.

Discutir ideologia nos leva à discussão de **hegemonia** que, em Fairclough (2001, p. 122), é tida como:

liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é o poder sobre a sociedade de uma das classes economicamente definida como fundamental em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingida senão parcial e temporariamente, como um 'equilíbrio estável'. Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento. Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas,

políticas e ideológicas. A luta hegemônica localiza-se em uma frente ampla, que inclui as instituições da sociedade civil (educação, sindicatos, família), com possível desigualdade entre diferentes níveis e domínios.

Porém, a articulação, a desarticulação e a rearticulação são processos que fazem parte da luta hegemônica, em constante esforço pela manutenção de posições de poder.

Tal concepção de luta hegemônica está em harmonia com as discussões de Fairclough (2001) acerca do discurso, pois Fairclough (2001, p. 116) discute “o conceito de discurso em relação à ideologia e ao poder”, situando-o em uma concepção de poder como hegemonia e em uma concepção da evolução das relações de poder como luta hegemônica.

Fairclough (2001) aponta para a dialética, considerando o discurso moldado pela estrutura social e constitutiva dessa estrutura, contribuindo para a constituição de normas, convenções, relações sociais, identidades e instituições. Esse autor (p. 64) ainda nos aponta os efeitos constitutivos do discurso: “1) o discurso contribui para a construção de identidades sociais ou posições de sujeito; 2) o discurso constrói relações sociais; 3) o discurso contribui para a construção dos sistemas de conhecimentos e crenças”.

Esses efeitos constitutivos do discurso, operacionalizados pela ideologia, nem sempre são transparentes para toda a sociedade. Quando são transparentes, há maior possibilidade de resistência. Mas, mesmo que esses efeitos não sejam sempre transparentes, em Fairclough (2001), **temos que não há poder sem resistência**, daí a possibilidade de mudanças serem constantes.

Essa possibilidade de mudança é o foco da ADC que, segundo Rios (2005, p. 108), “tem como objetivo refletir sobre as mudanças sociais contemporâneas, mudanças globais de larga escala e sobre a possibilidade de práticas emancipatórias sobre relações ideologicamente cristalizadas⁵”. Isso é corroborado por Wodak (2001, *in* Wodak e Meyer, orgs., 2001), para quem a Análise de Discurso Crítica tem como objetivo investigar criticamente como as desigualdades são expressas, constituídas, legitimadas pelo uso da linguagem, questionando não só os textos escritos ou orais, mas qualquer semiose, na qual haja materializações de escolhas linguísticas relacionadas a processos

⁵ Tradução nossa de: “CDA aims to reflect on contemporary social change, in large-scale global changes, and the possibility of emancipatory practices over ‘ideologically-frozen relations’ (Habermas 1972, *in* Chouliaraki e Fairclough, 1999) and structures”. (Rios, 2005, p. 108).

sociais em que os seus(suas) produtores(as) estão situados(as). Isso torna possível **identificar ideologias subjacentes** às relações de poder e suas conexões com o discurso, possibilita ainda mostrar que o sujeito é socialmente construído (Fairclough, 2001), o que aponta para a ação dos(as) participantes no mundo em condições sociais e históricas particulares que governam seus projetos políticos e as relações de poder em que operam. Nessa ação/relação com o/no mundo, podemos relacionar a construção discursiva com a interação social, textos com outros textos e discurso com identidade.

Para identificarmos melhor as ideologias subjacentes aos textos do jornal da Imprensa Negra, vamos tecer alguns comentários sobre a trajetória do negro no Brasil: da escravidão aos jornais da Imprensa Negra.

2 OUTRO FIO: DA ESCRAVIDÃO À INSTAURAÇÃO DA IMPRENSA NEGRA

Segundo Grenouilleau (2009), para explicar a **escravidão**, bons sentimentos e julgamentos morais não bastam, uma vez que várias justificativas fizeram com que ela fosse naturalizada durante muito tempo. Uma dessas justificativas para sua naturalização era relacioná-la à civilização, ao progresso. Além da ligação da escravidão com o progresso, Grenouilleau (2009) informa que essa prática teve início com um grupo de canibais que decidiu preservar a vida de alguns prisioneiros, surgindo, com isso, os primeiros escravos (p.13), essa história é tão antiga quanto a civilização e tão natural quanto ela. A origem dessa justificativa o autor não a tem. Mas, outras se somam a essa. A escravidão foi vista como natural e como proteção contra a desordem. No âmbito da religião e da filosofia, encontramos justificativas para a naturalização da posse de um homem sobre o outro: Santo Agostinho justificou que todo perdedor deveria servir ao vencedor; Aristóteles tratou a escravidão como natural (p. 30).

Diferentes tipos de escravidão existiram. Em alguns lugares, ela se deu por dívida, por guerra, não tendo caráter perene e hereditário. Porém, relacionada à cor, a escravidão foi uma característica das Américas, contribuindo para o surgimento do racismo, já como respaldo da ideia de inferioridade de uns em detrimento da superioridade de outros, corroborando com a construção da ideia da inferioridade de certos seres humanos em função de suas características físicas e culturais, como no caso dos escravos oriundos da África Negra.

“Como os escravos viam o sistema do qual eram vítimas? Infelizmente, não há uma resposta para essa pergunta, porque nunca se perguntou a opinião deles.” (p. GRENOUILLEAU, 2009, p. 36). Mas William Okeley (apud GRENOUILLEAU p. 91), um inglês que foi escravo em Argel, em suas memórias, publicadas em 1675, nos dá uma possível resposta: “À medida que passou o tempo, nós nos acostumamos tão bem à escravidão que quase nos esquecemos da liberdade; nós nos tornamos bichos inconscientes da nossa servidão”. Não que todos tenham se assujeitado a sua condição, mas, casos assim existiram, mostrando-nos o efeito da ideologia escravagista.

A escravidão brasileira, que teve como objetivo sustentar o sistema de produção, foi a última a ser abolida. Abolição essa que também se deu em função de movimentos abolicionistas que, mesmo com bases distintas, contribuíram para a mudança oficial das relações de trabalho no Brasil. Certos movimentos abolicionistas pregavam o fim da escravidão por considerá-la desumana; outros, por considerar que ela atrapalhava o progresso do Brasil. Ao ter como base ideias diferentes, o resultado da abolição, mais atrelada à segunda concepção, deixou a população negra à margem da sociedade, após o 13 de maio de 1888.

Jogada à sua sorte, o negro alforriado sofreu sucessivos baques que impediam a sua inserção na sociedade de classes: o preconceito, as dificuldades de inserção no sistema educacional.

O preconceito contra a população negra se manifestava de vários modos. Um deles, que passamos a comentar, foram as barreiras colocadas para que essa parcela da população não tivesse acesso ao sistema educacional oficial.

Para a inserção do negro no **sistema escolar brasileiro**, o que poderia contribuir com a sua formação para o novo mercado de trabalho, dificuldades havia. Na Reforma Couto Ferraz, de 1854, o decreto 1.331 estabelecia a obrigatoriedade da chamada escola primária para crianças maiores de sete anos, mas proibia que crianças com doenças contagiosas ou escravas as frequentassem. Os negros libertos poderiam frequentá-la, mas havia barreiras para isso: o racismo, a violência física e simbólica, as taxas, a necessidade de uniformes, de merenda; a necessidade de um responsável que não fosse escravo, o que era de difícil comprovação. Porém, na contramão disso tudo, havia negros alfabetizados em árabe e em escolas brasileiras alternativas que ensinavam filhos de negros (CALINDRO, 2009; DOMINGUES, 2004). Em Campinas, segundo Calindro (2009), havia cinco dessas escolas alternativas voltadas para negros libertos e

escravos, dentre elas, a São Benedito, criada em 1902 e a Perseverança ou Cesarino, fundada em 1860.

Após a abolição, a educação do negro passou também a ser cuidada pelos clubes recreativos negros, que fundavam suas escolas. Porém, a escolarização dos homens negros já adultos, de modo geral, passou a ocorrer no período da industrialização, quando a educação profissionalizante passou a ter mais amplitude em função do decreto 7.556 do então presidente Nilo Peçanha. As mulheres negras eram encaminhadas para orfanatos, onde recebiam educação para serem empregadas domésticas ou costureiras. (CALINDRO, 2009).

Com uma pequena parcela da população negra alfabetizada; essa classe social independente, considerada intelectualizada e ciente da sua frágil situação na sociedade brasileira e da necessidade de educação formal; surge a **Imprensa Negra**. Imprensa que, segundo Domingues (2008, p. 20), era “uma série de jornais alternativos voltados para a luta em defesa dos interesses da ‘classe dos homens de cor’”.

Essa imprensa foi criada para contribuir com mudanças do quadro negativo no qual o negro se encontrava, sendo responsável, segundo Ferrara (1986 *apud* Domingues, 2008), pela formação da ideologia de um grupo específico que, unido, desenvolveria consciência étnica.

Para Domingues (2008, p. 21), “as páginas daqueles jornais tornaram-se uma tribuna privilegiada para pensar em soluções para o problema do racismo na sociedade brasileira”.

Dentre as características da Imprensa Negra, podemos apontar a visão apresentada por Bastide (1951 *apud* Domingues, 2008):

- 1) agrupar os negros numa postura de solidariedade, encaminhando-os para a educação, para a luta contra os complexos de inferioridade
- 2) instituir um meio de protesto

Porém, para Ferrara (1986 *apud* Domingues 2008), a imprensa negra serviu, sim, para a integração do negro, não o deixando, porém, de sofrer influência da ideologia dominante, o que é corroborado por Silva (1990, p. 103), para quem a imagem do negro construída nesses jornais não passava daquela pensada pela elite branca.

Refletir sobre as ideologias presentes nesses jornais nos possibilitará pensar sobre os efeitos do discurso, da materialização de ideologias, da reflexão sobre as crenças, os valores, as identidades e relações construídas por meio desses jornais, reiterando aqui que o nosso objeto de estudo neste artigo é o jornal *O Patrocínio*.

3 ATANDO AS PONTAS DE TODOS OS FIOS: UM FIO, OUTRO FIO, ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES

No texto intitulado *O Negro*, que abre o jornal *O Patrocínio* (n. 55, de 19 de outubro de 1930), Conceição, seu autor, faz menção ao “africano” e aos “homens pretos do Brasil”. Notamos a ação de um dos modos de operação da ideologia, a fragmentação, com a estratégia da diferenciação, que serve para dividir grupos e minimizar seu poder de ação. Entendemos que tanto os africanos quanto os homens pretos do Brasil são vítimas do preconceito construído ao longo do período de escravidão brasileira e por que não lutarem juntos para a sua real inserção na sociedade pós-abolição? Porque não é interesse da sociedade que isso ocorra e, como modo de manter sua posição hegemônica, discursos de superioridade de um grupo sobre o outro, quando veiculado, é um modo mais eficaz de poder e controle.

Por meio desse exemplo de **diferenciação**, notamos que os jornais representam os homens pretos do Brasil como superiores aos africanos, considerando esses últimos como inferiores até “pela dança característica de rythmos grotescos e bárbaros, que nos foram transmitidos pelos africanos ao som dos ‘batusques’, “quigengues” e “pandeiros”, instrumentos de sonoridades insípidas, mas bem rythmadas, que os fazem pular, voitar, numa sensualidade selvagem, verdadeiramente africana”.

Leitores do jornal *O Patrocínio* poderiam ter internalizado um discurso eivado de ideologia racista, ao classificar os africanos como seres selvagens. Isso serve aos interesses da classe dominante que, por meio da **diferenciação**, tem enfraquecido a possibilidade de luta e de reivindicação de um grupo que poderia ser coeso e, por isso mais forte.

E outro trecho retirado de *O Patrocínio* (1930) - “*O negro é, geralmente, um resignado; vive na sua quietitude, porém nunca é um fraco; raras vezes sorri, e isso*

mesmo, quando o faz, é tão somente para complemento de uma delicadeza” – o negro brasileiro, e não o africano, é representado como delicado, quieto; representando-o como delicado, característica essa que não era comumente veiculada para se referir à população negra tida, de modo geral naquela época, como selvagem, boçal. Essas denominações/caracterizações podem ser resgatadas nos estudos históricos que retratam aquela época.

No trecho – *“A descrença e a nostalgia, que domina a raça negra, influiu poderosamente no rythmo das suas canções que se compõe invariavelmente de melodias lentas e cheias de tristezas, com que o negro exteriorisa a bondade e a simpatia de sua alma”* – o negro brasileiro é representado como nostálgico, triste e bondoso, remetendo à figura do negro assujeitado, o que é contrastado com o que é veiculado em trecho posterior no jornal:

Entretanto, Cruz e Souza, Frederico Alvarenga, Gonçalves Dias, Luiz Gama, José do Patrocínio, Manoel dos Passos e outros mais, respectivamente na poesia, na literatura e na música, provaram suficientemente que o negro é susceptível de ilustração, tanto ou mais ainda que os seus irmãos de diferentes raças.

Nesse exemplo, o negro é representado de modo positivo, contribuindo para a construção identitária positiva do leitor do jornal, pois mostra que o negro é tão ou mais capaz que qualquer pessoa e que, não assujeitado, conseguiu alçar uma posição diferente daquela marcada para ele pela classe dominante. A diferenciação aqui se faz de modo positivo, como se os nomes de pessoas citados; pessoas, sim, diferentes das outras; constituíssem modelo a ser seguido e/ou que mostram a todos do que o povo negro é capaz. O autor continua:

Hoje contamos dentro de nossa classe com uma infinidade de homens letrados, doutores, professores, jornalistas, poetas, tribunos e um importante bloco de mocidade estudiosa. Com exceção desta grande avalanche - muito desunida infelizmente – é maioria dos negros que vivem espalhados pelo nosso paiz encontra-se ainda moralmente escravizada (*sic*).

No trecho acima, podemos notar a valorização dos estudos e outro papel relacionado à Imprensa Negra: o de educar a população negra. Daí a valorização do estudo e da educação formal. (PEREIRA, 2011).

Porém, nesse mesmo trecho, notamos, mais uma vez, a diferenciação: os negros desunidos, “os negros espalhados pelo nosso paiz” (*sic*), colocações essas que corroboram com a ideia veiculada de que o negro era o único responsável por sua sorte ou, ainda, falta de sorte. A ideia aqui é ambivalente, deixando-nos entender a consciência da sujeição à qual certos negros estão ainda sujeitos.

Há a consciência da desigualdade existente e uma ideia de solução para as consequências dessa desigualdade, como anotado no trecho a seguir:

Ao traçarmos estas linhas temos em mente a experiência que longos anos nos legou. A classe preta relegada para a última posição na escala social, sempre viveu asfixiada, sem estímulo, sem apoio para as suas mais moderas iniciativas (*sic*).

Vem dahi o retrahimento e o desanimo deante de empreendimento de vulto como é este do 1º Congresso da Mocidade Negra (*sic*).

Mas esse punhado de moços estudiosos e esforçados que em boa hora lançaram a grande ideia, mais hoje, mais amanhã, verão seus esforços coroados de êxito, porque será o congresso o único meio pratico de se reunir as forças esparsas que possuimos para com ella levantar-se a moral da raça (*sic*).

Os modos de ação da ideologia materializados no discurso que, como já discutido, têm seus **efeitos** constitutivos do discurso: “1) o discurso contribui para a construção de identidades sociais ou posições de sujeito; 2) o discurso constrói relações sociais; 3) o discurso contribui para a construção dos sistemas de conhecimentos e crenças”.

Alguns **valores, crenças** divulgados no artigo do jornal analisado veiculam a ideia de inferioridade dos africanos de quem os homens pretos do Brasil são descendentes. Porém, esse dado é apagado quando o modo de operação da ideologia **fragmentação** diferencia os africanos dos homens pretos do Brasil. Há ainda o **expurgo do outro**, ou seja, os africanos são representados como inimigos, os selvagens, imputando a eles a responsabilidade do preconceito sofrido pelos homens de cor do Brasil, como se os africanos no Brasil não estivessem e não sofressem preconceito ou que o preconceito por eles sofrido fosse justificado e merecido pela sua classificação como selvagens, como pessoas de cultura inferior.

As **relações sociais** construídas no texto do jornal refletem certa hierarquização – os africanos e os homens pretos do Brasil –, certa falta de solidariedade e de luta comum. Nesse tipo de relação, conferindo poder desigual a um dos grupos envolvidos, as **identidades** são construídas de modo também desigual. Essa desigualdade tem função ideológica, uma vez que naturaliza relações desiguais, contribuindo para a manutenção do *status quo*, ou seja, a posição da classe dominante.

A **relação dialética** existente entre linguagem e sociedade nos ajuda a entender que as ideologias materializadas nos discursos do jornal contribuem para a construção da sociedade e a sociedade contribui para a construção do discurso do jornal. Temos nesse veículo a presença de um discurso ainda preconceituoso, mesmo que seu objetivo seja lutar contra o preconceito sofrido pela população negra da época. Os modos de operação da ideologia – aqui a **diferenciação** – faz com que a ideologia, menos visível, seja mais efetiva (Thompson, 1995). Por isso, a própria população negra repete o discurso que lhe tolhe e discrimina.

O entendimento dos efeitos constitutivos do discurso é mais bem compreendido à luz da análise dos contextos imediatos, institucionais e societários do evento discursivo, sendo eles restringidos por relações de gênero, classe e raça/etnia. Isso corrobora com o caráter interdisciplinar da ADC que, ao ter como método o

reconhecimento de um problema discursivo relacionado a poder e justiça, procura desvelá-lo como contribuição para transformações nas práticas discursivas e sociais.

No jornal, há certa ambivalência nos discursos, pois neles não consta apenas a reprodução da ideologia dominante. Há, sim, discursos que conscientizam e que constituem identidades mais fortalecidas; outras crenças e valores, outros discursos corroboram com a discussão levantada por Bastide (1951 *apud* Domingues, 2008), ao afirmar que uma das características da imprensa negra era a de agrupar os negros numa postura de solidariedade, encaminhando-os para a educação, para a luta contra os complexos de inferioridade; e foi também um meio de protesto. Com essas identidades fortalecidas, ou não, refletimos sobre o que é afirmado por Fairclough (2001) que o sujeito é socialmente construído, ou seja, na sociedade do século XIX, os discursos veiculados sobre a população negra eram, em sua maioria, negativos. Com isso, mesmo com a intenção de governar seus projetos de emancipação e de construção de uma identidade mais fortalecida, a população negra, representada na Imprensa Negra, acaba sendo ambivalente e reproduzindo as ideologias que a oprimem e constroem. Mas, a resistência é possível. Resistência essa que ainda continua no século XXI. Resistência essa que pode ser potencializada pela ADC.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, R. Estereótipo de negros através da literatura brasileira. **Boletim de Sociologia**, n. 3, São Paulo, FFLCH-USP, 1953, p. 9-27

CALINDRO, A. R. V. **A colocação dos pronomes clíticos em *O Patrocínio***: período da imprensa negra de Piracicaba. 2009. 177f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa)-Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking critical discourse analysis. Edimburgo: Edinburg University Press, 1999.

DOMINGUES, P. **A nova abolição**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

DOMINGUES, P. **Uma história não contada**: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Senac, 2004.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Edunb, 2001.

FAIRCLOUGH, N. Discurso, mudança e hegemonia. In: PEDRO, E. R. (Org.). **Análise crítica do discurso**. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. Londres: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, N. Linguistic and intertextual analysis within discourse. In: **Discourse and Society**, v. 3, n. 2, p. 193-217, 1992.

FERRARA, M. N. A imprensa negra paulista (1915-1963). São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

GIDDENS, A. **The constitution of society: outline of the theory of structuration**. Cambridge: Polity Press, 1984.

GOUVEIA, C. Análise crítica do discurso: enquadramento histórico. In: PEDRO, E. R. (Org.). **Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional**. Lisboa: Editorial Caminho, 1997, p. 339 - 356.

GRENOUILLEAU, Oliver Pétré. **A história da escravidão**. São Paulo: Boitempo, 2009.

HABERMAS, J. **Knowledge and human interests**. Boston: Beacon Press, 1972.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. Londres: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as a social semiotic**. Londres: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. **Learning how to mean: explorations in the development of language**. Londres: Edward Arnold, 1975.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. Tradução: A. U. Sobral; M. S. Gonçalves. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MAGALHÃES, I. **Eu e tu: a construção do sujeito no discurso médico**. Brasília, DF: Thesaurus, 2000a.

MAGALHÃES, I. Teoria crítica do discurso e texto. **Linguagem em Dis(curso)**, n. 4 (especial), 2004.

CONCEIÇÃO, B. A. O negro. **O Patrocínio**, São Paulo, n. 55, p. 1, out.1930.

PEDRO, E. R. (Org.). **Análise crítica do discurso**. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

PEREIRA, A. A. Movimento negro brasileiro: aspectos da luta por educação e pela reavaliação do papel do negro na história do Brasil ao longo do século XX. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**, São Paulo, 2011.

RAMALHO, V; RESENDE, V. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 2011.

RIOS, G. Letters in a community organisation: a case of powerful literacy. **D.E.L.T.A.**, São Paulo: EDUC, n. 21 (Especial), p. 105 - 128, 2005.

SILVA, J. C. G. da. **Os sub-urbanos e outra face da cidade: negros em São Paulo (1900-1930): cotidiano, lazer e cidadania.** 1990. Dissertação (Mestrado em Antropologia social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Trad.: Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais da Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

William Okeley s.n.t.

WODAK, R.; MEYER, M. (Ed.). **Methods of critical discourse analysis.** Londres: Sage, 2001.

ANEXO

O PATROCINIO

ORGAN LITERARIO, CRITICO E HUMORISTICO

Propriedade: SOCIEDADE ANONYMA

Redactor principal: ALBERTO DE ALMEIDA

Redacção: RUA DO ROZARIO N. 134

Assignatura: Anno 5\$000

Numero avulso: \$200

Numero 55

Piracicaba, 19 de Outubro de 1930

Anno 5

O NEGRO

A nostalgia e a languidez do africano com certeza influuiu muito na formação moral dos homens pretos do Brasil. O brasileiro como producto distincto de tres raças: a portugueza, a africana e a indigena, que traziam em si o estigma da resignação, é triste.

Portanto, o negro é, dentre os brasileiros, o que mais de perto soffreu essas influencias e as conserva ainda, devido aos injustos preconceitos que infelizmente ainda existem, mas que elles, com muita dignidade, sa bem desprezar.

O homem preto traz, estampado em si, a sua natureza num verdadeiro contraste com os seus bons sentimentos e as suas emoções, que se vão accumulando para, um dia ou outro, se expandir. O negro é, geralmente, um resignado; vive na sua quiettude porem nunca é um fraco; raras vezes sorri, e isso mesmo, quando o faz, é tão somente para complemento de uma delicadeza. A descrença e a nostalgia que domina a raça negra, in fluiu poderosamente no rythmo das suas canções que se compõe invariavelmente de melodias lentas e cheias de tristezas, com que o negro exteriorisa a bondade e a simplicidade de sua alma.

O negro ainda conserva a dança característica de rythmos grotescos e barbaros, que nos foram transmittidos pelos africanos ao som dos «bataques», «quingues» e «pandeiros», instrumentos de sonoridades insipidas, mas bem rythmadas, que os fazem pular, voltear, numa sensualidade selvagem, verdadeiramente africana. E assim atravessam uma noite toda ao clarão de uma fogueira, que ao amanhecer só resta braseiro e cinza.

Entretanto, Cruz e Souza, Frederic Alvarenga, Gonçalves Dias, Luiz Gama, José do Patrocínio, Manoel dos Passos e outros mais, respectivamente na poesia, na literatura e na musica, provaram sufficientemente que o negro é susceptivel de illustração, tanto ou mais ainda que os seus irmãos de diferentes raças.

Hoje contamos dentro de nossa classe com uma infinidade de homens

letrados, doutores, professores, jornalistas, poetas, tribunos e um importante bloco de mocidade estudiosa. Com excepção desta grande avalanche — muito desunida infelizmente — a maioria dos negros que vivem espalhados pelo nosso paiz encontra-se ainda moralmente escravizada. Ao traçarmos estas linhas temos em mente a experiencia que longos annos nos legou. A classe preta relegada para a ultima posição na escala social, sempre viveu asphixiada, sem estímulo, sem apoio para as suas mais modestas iniciativas.

Vem dahi o retrahimento e o desanimo deante de emprehendimento de vulto, como é este do 1.º Congresso da Mocidade Negra.

Mas esse punhado de moços estudiosos e esforçados que em boa hora lançaram a grande idéa, mais hoje, mais amanhã, verão seus esforços coroados de exito; porque será o congresso o unico meio pratico de se reunir as forças esparsas que possuímos, para com ella levantar-se a moral da raça.

BENEDICTO A. CONCEIÇÃO
São Paulo.

28 de Setembro

Como de costume, não passou despercebida a nossa grande data de 28 de Setembro.

A nossa Sociedade B. 13 de Maio, que alem de presta auxilios aos nossos irmãos necessitados, é tambem uma escola de civismo para a nossa raça, realisou uma sessão solenne, tomando parte nella numerosas familias, onde se fizeram ouvir varios oradores, que discorreram sobre a escravidão em toda a sua modalidade e salientando a figura incomparavel da Mãe Preta.

Foi por essa occasião prestada uma significativa homenagem ao dr. Osorio de Souza, em signal de reconhecimento pelo muito que tem feito em favor da S. B. 13 de Maio.

A seguir teve inicio um estupendo baile que foi duma belleza extraordinaria, tanto pela animação como pela ordem reinante, sendo as contra-danças marcadas por um afinado jazz-band.

Nosso anniversario

Entrámos ante-hontem, em mais um anno de existencia, entrecortada por uma serie de obstaculos propios da vida que abraçamos.

Infelizmente não quizeram os fados que entrássemos em mais este anno de existencia, sem que soffressemos as consequencias do actual momento, em que quasi todas as pequenas iniciativas se desfazem, devido a crise geral. Assim é que fomos forçados a interromper a nossa circulação desde Julho p. passado, muito bem centra nossa vontade.

Quiz um grupo de admiradores nossos, que a nossa data anniversaria não passasse de todo despercebida, e fizeram empenho para que «O Patrocínio» apparecesse hoje, não só para contentamento dos nossos amigos e leitores, como tambem para que pudessemos agradecer as sympathias que nos são dispensadas, sympathias essas que ficaram patenteadas durante a interrupção desta pequena e modesta folha.

Aqui deixamos a todos os nossos agradecimentos, e esperamos poder continuar a cumprir nossa obrigação para, com os admiradores, amigos e leitores d'«O Patrocínio».

CASA SILVEIRA

Calçados para senhoras e homens
a começar de 20\$000

Artigo garantido

Rua Moraes Barros 122 — Phone 189

Organização de um batalhão de homens de cor, em S. Paulo

Acaba de ser organizado em São Paulo, o batalhão patriótico «Bandeirantes», composto exclusivamente de homens de cor e que já conta com elevado numero de voluntarios, para o nobre fim a que se destina, tendo a sua séde no Centro Civico «Palmares», á rua Teixeira Leite 44.

